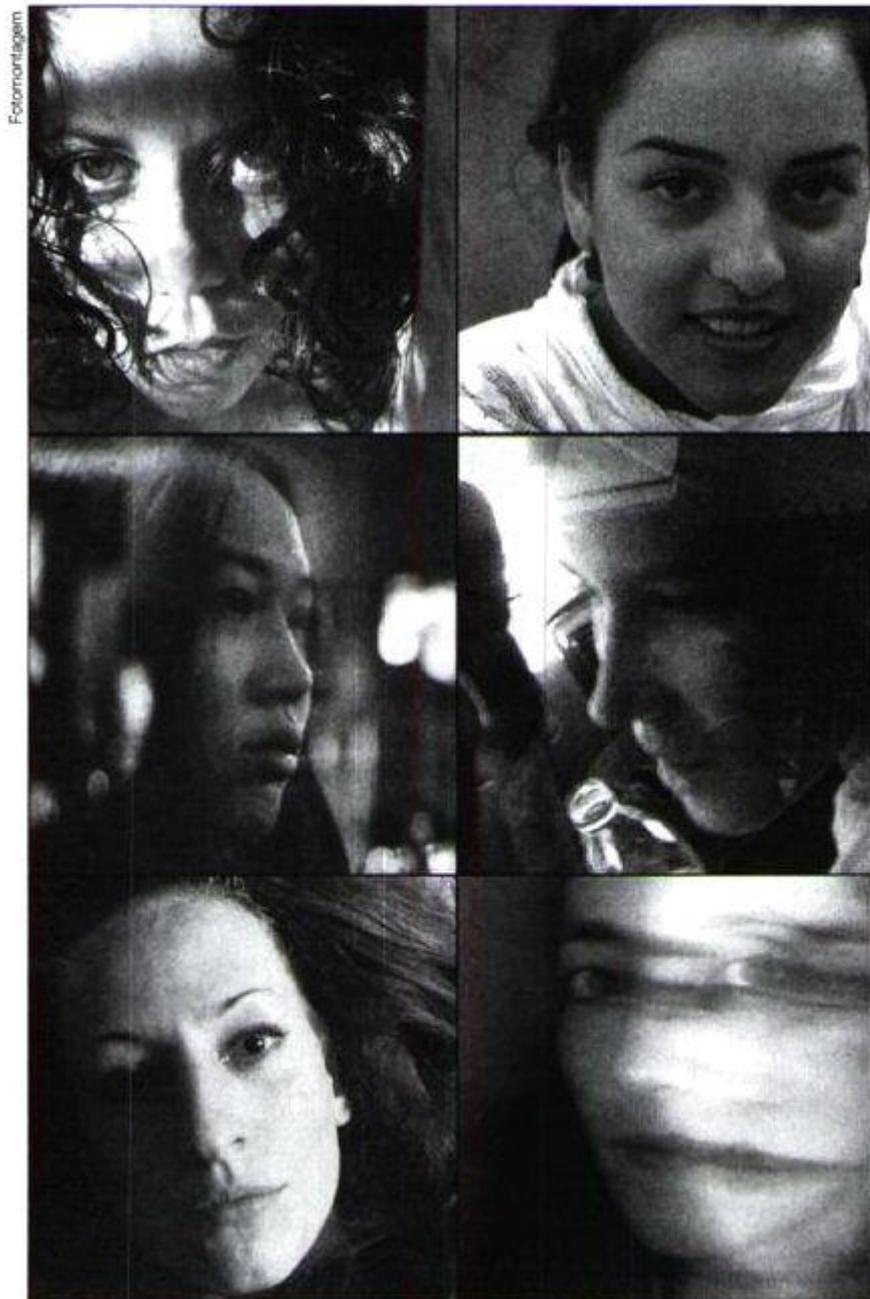


# A nova e ilimitada era das parcerias digitais

**Seis fotógrafas de diferentes regiões do mundo se reúnem para um arrojado projeto sem fronteiras. Entre elas está a brasileira Marizilda Cruppe. Confira**



Fotomontagem

Por Fabrizia Granatieri

**H**á alguns anos, a proposta arrojada da EVE Photographers seria inviável. Mas a era digital, da comunicação *online*, tornou possível reunir seis fotógrafas de diferentes áreas geográficas do mundo – Brasil, Geórgia, África do Sul, Tailândia, Irã e Espanha – em um mesmo projeto sem que elas nunca tenham se encontrado pessoalmente. Essa história começa por um intermediário, o fotógrafo inglês Gary Knight, um dos fundadores da renomada VII Photo Agency que, ao perceber alguns objetivos em comum entre o trabalho das seis, resolveu, via e-mail, apresentá-las umas às outras. No grupo está a brasileira Marizilda Cruppe, de *O Globo*.

Marizilda, 37 anos, começou a trabalhar cedo e experimentou outras profissões antes de optar pelo fotojornalismo. Foi técnica de mecânica, cursou engenharia e fez aulas de pilotagem de avião. Durante a faculdade, resolveu colecionar aeromodelos. Depois de montados, fotografava-os com a máquina do pai. O hábito despertou a sua curiosidade pela técnica fotográfica. Em 1987, houve um quebra-quebra de ônibus no centro do Rio, motivado pelo aumento no preço das passagens. Uma amiga de trabalho, voltando para a empresa,

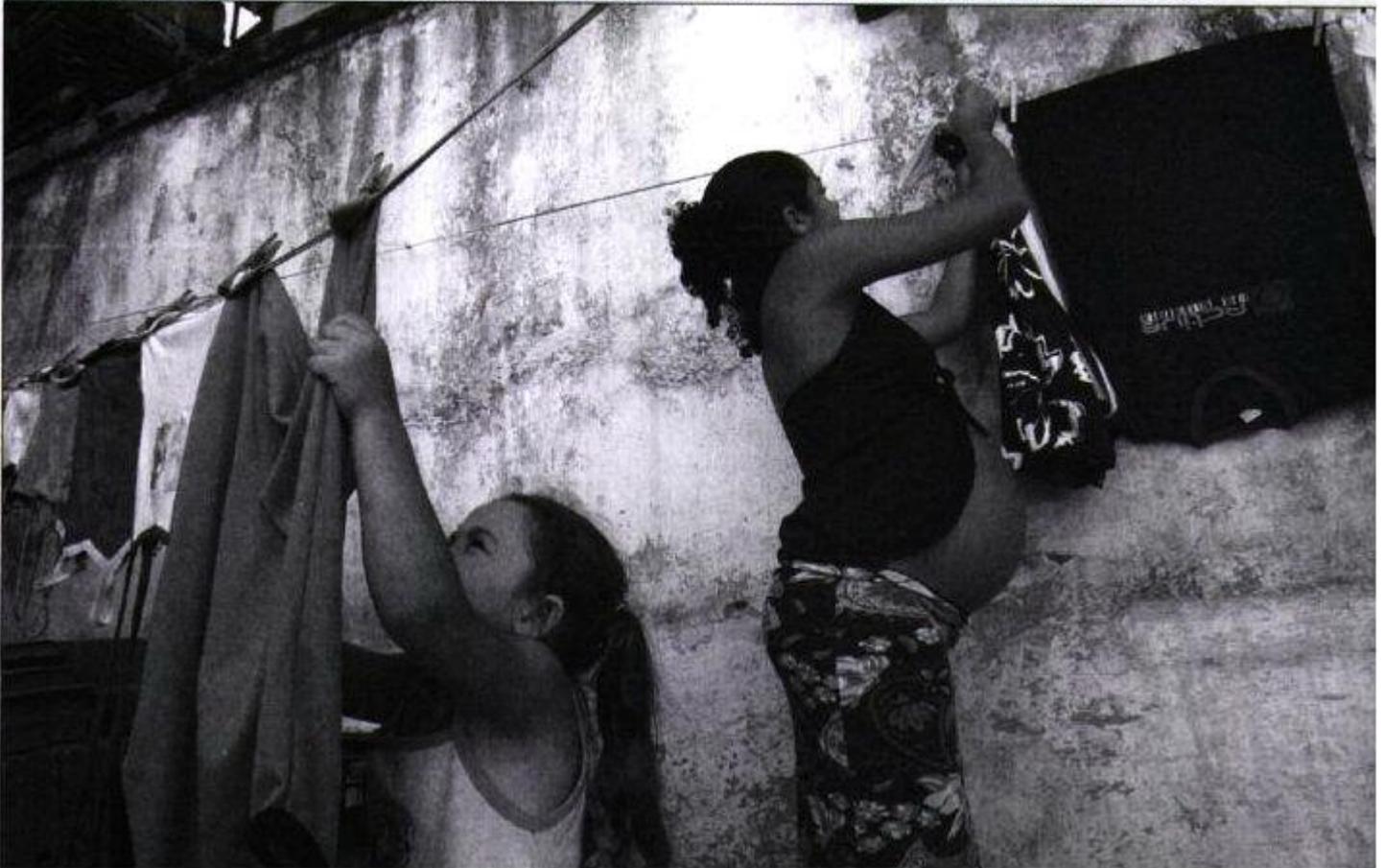
No alto, Lourdes Segade e Newsha Tavakolian; no meio, Agnes Dherbeys e Bénédicte Kurzen; acima, Justyna Mielnikiewicz e Marizilda Cruppe (sempre da esq. para a dir.).

Newsha Tavakolian/EVE



Acima, foto de Newsha Tavakolian retrata Marie, o iraniano que fez operação de mudança de sexo e foi denunciado por um jornal sensacionalista; abaixo, ensaio, de Marizilda Cruppe, que trata de gravidez na adolescência mostra a jovem Luciana em setembro 2005

Marizilda Cruppe/EVE

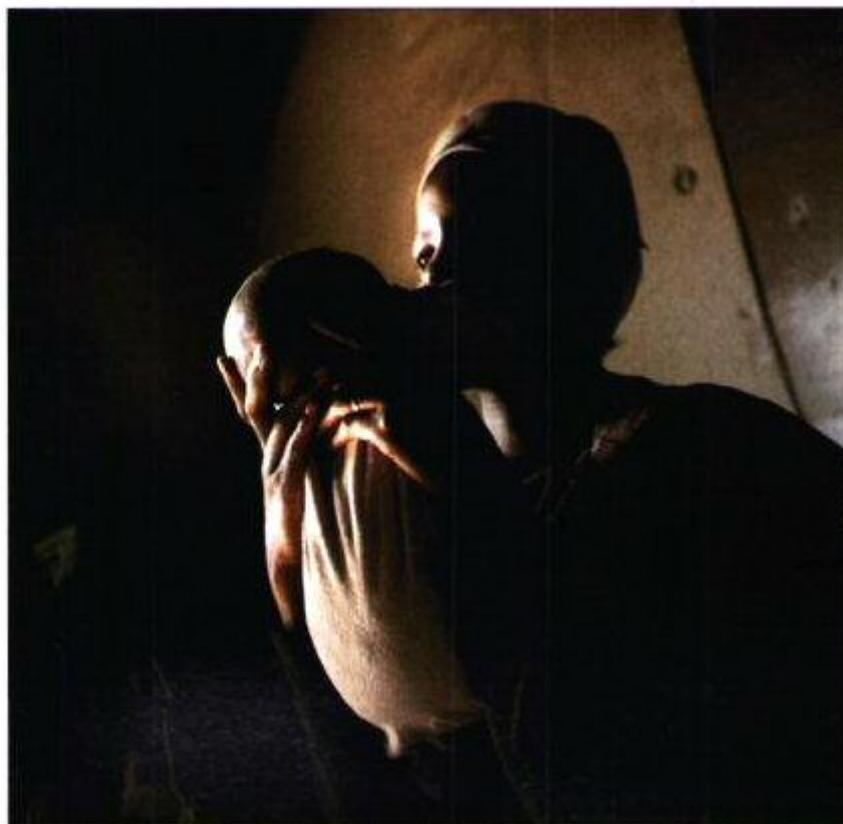




Acima, a mesma Luciana, em março de 2006, com a filha Eduarda, na periferia do Rio, onde vivem (as mãos são da mãe de Luciana)

comentou o acontecimento. Veio o estalo que mudou a vida de Marizilda: "a vida está acontecendo lá fora e eu estou aqui dentro". Dois anos mais tarde, ingressou no curso de fotografia do Senac-RJ e constatou que era viável se sustentar por meio da profissão.

A primeira oportunidade veio com um amigo de turma, o fotógrafo Marcos Cruz, que a indicou para a publicidade de *O Globo* na sucursal da Baixada Fluminense. Contratada, não relaxou. Na época da luta pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, organizava o seu horário de forma a que pudesse cobrir as manifestações por conta própria. No dia seguinte, ia até o arquivo do jornal olhar os contatos dos fotojornalistas e os comparava com as fotos que tinha feito. Assim, ia aprendendo.



A francesa Bénédicte Kurzen acompanha mães sul-africanas portadoras do vírus HIV

Ninguém na editoria de fotografia entendia para "quem" ela estava trabalhando e quando alguém perguntava a resposta era um tímido "para mim mesma". Essa dedicação despertou a atenção do editor Anibal Philot que, mais tarde, a convidou para a vaga de suplementos. Marizilda está em *O Globo* há 15 anos.

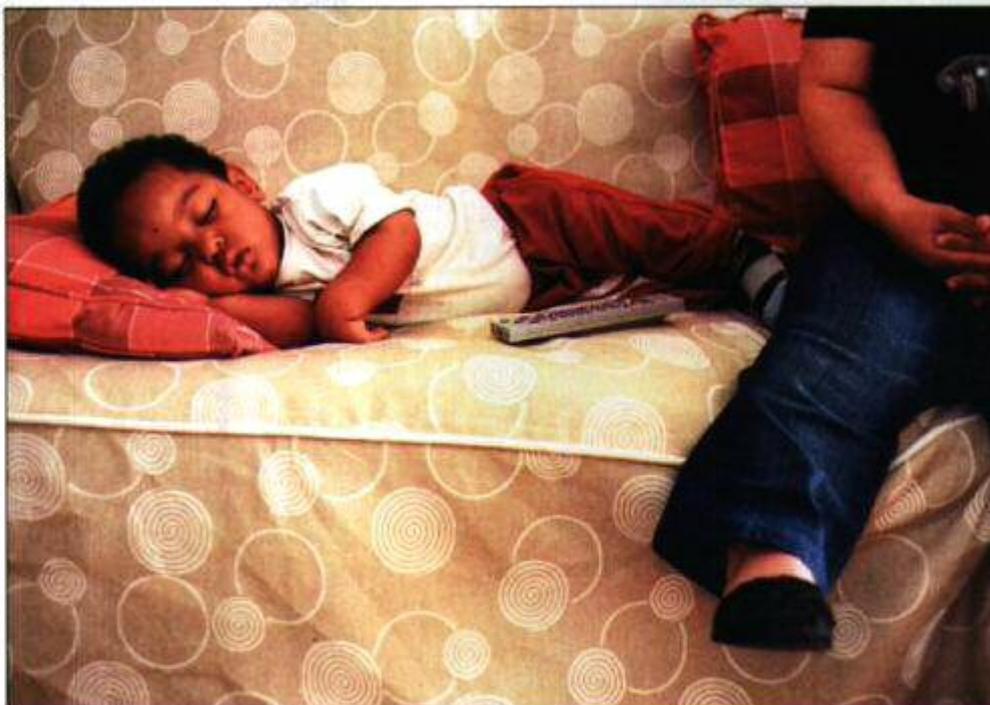
### CORRENDO POR FORA

Nem sempre um jornal oferece meios para o fotógrafo realizar tudo o que se deseja. Percebendo isso, em 1994, Marizilda aproveitou as férias e partiu sozinha para Cuba com o objetivo de fotografar. "Conhecia a história, mas não tinha a experiência de ter uma sinopse. Então, atirei para todos os lados: um pouco de retrato, arquitetura, que juntando não dava em nada. Mas foi um começo", conta. A sinopse, ensina a fotógrafa, é o resumo de uma história. Nela se encontram todas as informações necessárias. Antes de começar a fotografar um novo projeto, vale colocar a idéia no papel para testar a consistência e a viabilidade do assunto.

Sempre que podia, usava a folga das férias para um ensaio fotográfico. Em 1998, viajou até o interior da Bahia para documentar o conflito de terra entre os índios Pataxó Há-hã-hãe e os fazendeiros locais. Nos dois anos seguintes, deu continuidade ao projeto arcando com os custos e fazendo os contatos necessários.

Em 1999, aproveitou a viagem à Europa com o marido Nilton, para visitar o Festival Internacional de Fotojornalismo de Perpignan, na França, organizado pela associação Visa Pour l'Image ([www.visapourlimage.com](http://www.visapourlimage.com)).

Fotos: Lourdes Segade/EYE



**Na Espanha, Lourdes Segade faz ensaio sobre mães com deficiência física, caso da anã Lorena, que cuida do filho Adrián, também deficiente, com a ajuda do avô do menino (abaixo)**



Em uma fase de crise criativa, normal na profissão, o intercâmbio de conhecimento vivido durante o festival a incentivou a buscar na fotografia documental outra forma de ver o mundo, além das oferecidas na rotina do jornal e dos free-lancers esporádicos.

### PESQUISA NA INTERNET

Novamente Marizilda buscou aprendizado observando as imagens produzidas por fotógrafos mais experientes. Desta vez, usou as ferramentas de pesquisa da internet, como o Google. Via web, passou a acompanhar mais de

perto do trabalho do fotógrafo de guerra americano James Nachtwey ([www.jamesnachtwey.com](http://www.jamesnachtwey.com)), também fundador da VII Photo ([www.viipphoto.com](http://www.viipphoto.com)), que ela já conhecia do livro *Deeds of war* e se interessou em fazer o curso de fotografia documental oferecido pela agência. "Fiquei a fim, mas não dava. Só o preço da passagem para Camboja, onde ocorria o curso, dava pra comprar um equipamento digital", conta.

Com as facilidades oferecidas pela internet, as barreiras físicas e financeiras foram minimizadas. Porém, a falta de fluência no inglês exigiu dedicação. "Eu escrevia *photographer* ou o nome de algum fotógrafo já conhecido no Google e verificava tudo. O que me interessava, imprimia e com calma pegava o dicionário e ia

traduzindo. Não conhecia o idioma, mas não me inibia", conta.

Além de pesquisar em sites em inglês, começou a se interessar pelos franceses e acabou estudando mais um idioma. "Ficava pesquisando. Quando achava que alguém tinha uma informação interessante, mandava um e-mail", conta ela.

### OPORTUNIDADE AO LADO

Um dia, almoçando no refeitório do *O Globo*, ouviu alguns funcionários da área de recursos humanos comentando sobre a palestra que o técnico de vôlei Bernardinho havia dado para funcionários do jornal.

Interessada, entrou na conversa e descobriu que os custos tinham sido pagos pela empresa. Ao saber disso, acessou o site da VII Photo e via e-mail perguntou ao Gary Knight

se ele gostaria de dar um curso no Brasil direcionado aos fotógrafos de *O Globo*. Com a resposta positiva e o apoio do editor de fotografia Alexandre Sassaki, preparou uma proposta e encaminhou ao diretor de treinamento. Foram dez meses trocando mensagens até a vinda de Gary Knight.

Normalmente, o curso leva uma semana. No primeiro dia, o aluno apresenta uma sinopse e durante todos os dias fotografa à tarde e à noite. Na parte da manhã, o material é editado por Gary. Ao final, a história tem que estar documentada.

Dentro de um jornal, não podia ser assim porque a produção diária não pode ser prejudicada. Para dar certo, os fotógrafos começaram a escrever suas sinopses com

## SEIS PROJETOS, EM SEIS PAÍSES, QUE TRATAM DE MATERNIDADE

O objetivo da Eve é desenvolver temas únicos, cada uma fotografando do país onde mora. Por serem mulheres, conseguem transitar com mais facilidades entre as próprias mulheres e as crianças, principais vítimas das guerras e das situações extremas de pobreza, como as comunidades carentes brasileiras. Sabendo disso, decidiram a princípio pelo tema da gravidez; logo em seguida, mudaram para maternidade. O mesmo tema, desenvolvido em regiões geográficas diversas resultou em abordagens diferentes. A opção estética e a sinopse são pessoais, o que não evita a troca de idéias.

### Adolescentes no Rio

Marizilda Cruppe se propôs a documentar a gravidez na adolescência que é um fenômeno social brasileiro associado à pobreza. "Eu sempre tinha essa percepção quando entrava nas comunidades carentes pelo jornal", conta. Mais tarde, as estatísticas do IBGE e da Fundação Getúlio Vargas comprovaram o aumento no número de casos de mães adolescentes de

baixa renda nos últimos anos.

O ensaio denominado *Gravidez na Adolescência: Um fenômeno social brasileiro* tem como personagem Luciana, 16 anos, grávida da primeira filha, moradora de uma favela do Rio na qual divide a pequena casa com a mãe, o irmão, a cunhada e os sobrinhos. É namorada de um rapaz de 18 anos, pai de dois filhos com mulheres diferentes. Colocar tantas informações em imagens vai além da técnica fotográfica. Pode-se observar que todas as fotos se complementam, mas não perdem a individualidade. Esse é o desafio da fotografia documental.

### Saúde precária no Timor Leste

A fotógrafa francesa Agnes Dherbeys, 29 anos, vive na Tailândia, mas desenvolveu o seu projeto em um dos mais novos países do mundo, o Timor Leste. A pobreza e a precariedade da saúde são o desafio desse país com alta taxa de natalidade e de mortalidade materno-infantil.

O ensaio *Nascimento no Timor Leste - O desafio de um país recém-nascido* retrata uma realidade triste, como o parto de Elisabeth, 29 anos, sem auxílio

médico, assistida pelo marido e amigos sem a esterilização básica necessária. "Nos meus trabalhos pessoais, prefiro preto e branco. É a minha maneira de olhar e compor", conta Agnes. E explica: "Não penso em chocar com as minhas fotos. Se a situação estiver chocando, esta é a maneira que tentarei documentá-la. Se for encantadora e leve, farei do mesmo modo. Esse trabalho foi uma experiência forte para mim. Nele tive acesso à generosidade do povo".

### Aids na África do Sul

Além de Agnes, a EVE tem outra integrante francesa, Bénédicte Kurzen, de 26 anos, que vive atualmente na África do Sul. Lá, desenvolveu o projeto *Transmissão do HIV de mãe para filho*. Aborda quase que uma epidemia nacional. Cerca de 45 milhões de habitantes possuem o vírus da Aids - entre elas, 700.000 crianças. Muitas, infectadas durante a gravidez.

Bénédicte busca explorar o pesadelo que apresenta a promessa da morte para a criança, dentro de um cenário de famílias, sociedades e comunidades destruídas pelos danos

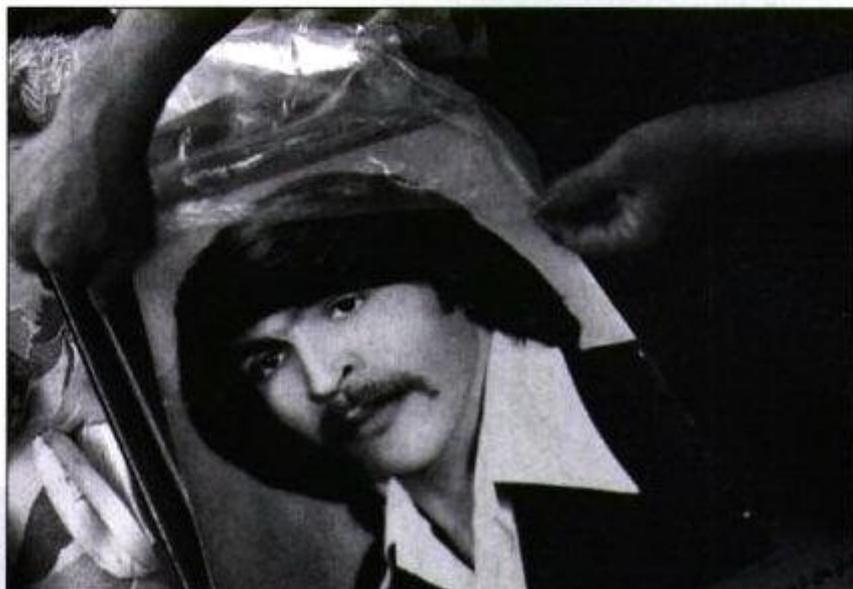
antecedência de dois meses e cada um teve cinco dias fora da escala para fotografar suas histórias. Durante as duas semanas acertadas para o curso, Gary passava o dia na editoria de fotografia editando o material e orientando os fotógrafos divididos em dois grupos.

Como Gary estava produzindo um trabalho sobre a pobreza, Marizilda aproveitou e o levou para conhecer as comunidades da Rocinha, Rio das Pedras e uma carceragem superlotada. "Ele levou a sua Leica, mas fotografou pouco. Como o compromisso do Gary no Brasil era dar o curso, usou o tempo livre para conhecer os lugares e as histórias. Ele ficou com os temas na cabeça para voltar em outra oportunidade. Às vezes, a nossa mentalidade aqui no Brasil é de que



Fotos: Newsha Tavakolian/EVE

**No alto, Marie no ônibus, no Irã, onde é marginalizada pela sociedade; ao lado, ela mostra retrato de quando era homem**



causados através do HIV. Na hora de fotografar, optou pelo formato 6 x 6 cm, em voga na Europa, e a vivacidade do filme colorido.

#### Abandono na Geórgia

Justyna Mielnikiewicz é polonesa e a carreira de fotógrafa *free-lance* a motivou a se mudar para Tbilisi, na Geórgia, em 2001. Como autônoma, sempre produziu as suas matérias e depois apresentava aos editores. "A internet é uma ferramenta básica para fazer contatos com os editores e vender o seu trabalho. Com a EVE, estamos unificando os nossos contatos editoriais", conta.

A Geórgia, que era próspera quando fazia parte da extinta União Soviética, atualmente vive o caos causado por guerras e regimes corruptos. Entre os principais problemas locais está o abandono infantil. *Eka: a história depois da dissolução da União Soviética* mostra a vida de uma mulher de 30 anos, que preferiu não abandonar sua filha e entregar a uma instituição por ser

incapaz financeiramente de sustentá-la. Para se manter, voltou à casa da mãe e da avó, totalmente destruída pelo terremoto de 2001. Lá, através de uma personagem central, Justyna pretende por meio da imagem em p&b expor as perspectivas das mulheres georgianas ao mundo.

#### Mães deficientes na Espanha

A fotógrafa espanhola Lourdes Segade, 33 anos, abordou no tema maternidade um assunto ignorado em todo o mundo, mas presente em qualquer lugar. A Espanha tem 9% da sua população com deficiência, 58% são mulheres, socialmente vistas com preconceito.

*Apenas uma mãe, maternidade e deficiência física* mostra a capacidade de mulheres com algum tipo de deficiência serem mães. O que não as impossibilita de exercerem a função de forma determinada, eficiente e feliz. A história de Lorena é contada em imagens coloridas, documentando a rotina que poderia ser a de qualquer mulher.

#### Transexualidade no Irã

A iraniana Newsha Tavakolian, 25 anos, abordou a maternidade pelo ângulo da transexualidade. Em *Transexual iraniano, mãe solitária*, conta a história de Marie, 50 anos, ex-motorista de caminhão que, desde criança, acreditava ter nascido no corpo errado. Com a aprovação da cirurgia de troca de sexo pelo Aiatolá Khomeini, ela se inscreveu e foi aceita no programa. Anos depois, revelou o segredo à ex-mulher. Essa, por sua vez, contou aos filhos que o pai partiria para uma longa viagem de caminhão, e, mais tarde, eles receberam a notícia da morte do pai. Marie voltou para casa e foi apresentada como uma velha tia.

A tranquilidade acabou com a revelação pública da sua história por meio de um jornal sensacionalista. Excluída do convívio de todos, passa os dias nas ruas junto com outras pessoas marginalizadas. A cirurgia de Marie foi bem sucedida do ponto de vista médico, mas a sua decisão a deixou sozinha no mundo.



Justyna Mielnikiewicz/EVE

Foto do ensaio da polonesa Justyna Mielnikiewicz na Geórgia: Eka, 30 anos, cria com dificuldades a filha Tamara, no colo da avó Eteri

em apenas três dias a gente conta uma história inteira", explica.

Ao se despedir, Gary disse a Marizilda que ela precisava conhecer duas fotógrafas de agências: Bénédicte Kurzen, francesa residente em Israel, da *Word Picture News*, e Newsha Tavakolian, iraniana, da *Polaris*. Apresentou-as por e-mail, em julho de 2005.

### EVE PHOTOGRAPHERS

Elas poderiam ter trocado alguns e-mails e parado por aí, mas combinaram de se encontrar no Festival de Perpignan, França. Pela segunda vez, Marizilda foi como visitante, enquanto as outras duas foram a trabalho.

As agências internacionais marcam encontro dos seus fotógrafos com os editores nesses festivais para apresentação de portfólios. Mas deu tempo de elas se conhecerem e se gostarem.

No final de 2005, Gary enviou outro e-mail, agora para oito fotógrafas. Nele, comentava que,

nas suas últimas viagens pelo mundo, os profissionais mais engajados, comprometidos e entusiasmados com o documentário social que ele tinha conhecido, coincidentemente, eram as mulheres, e, por isso, acreditava que deveriam fazer alguma coisa juntas.

Na terceira mensagem, sugeriu a formação de um grupo, com projeto único, algo diferente. "Eu fiquei empolgada. Mesmo se não desse em nada, o mínimo que ia acontecer era eu treinar o meu inglês. Todas nós respeitamos muito o Gary, por sua história pessoal e como fotógrafo. Ele fundou a VII Photo. A agência é um caso de sucesso mundial. Por isso achamos que ele não iria se meter em roubada sugerindo a criação do grupo", conta Marizilda. E observa: "ele não é nosso sócio, não tem participação em nada. É o nosso padrinho e conselheiro". O nome EVE, sugerido por Gary vem de Eva em inglês. Acabou sendo aceito devido à facilidade de ser

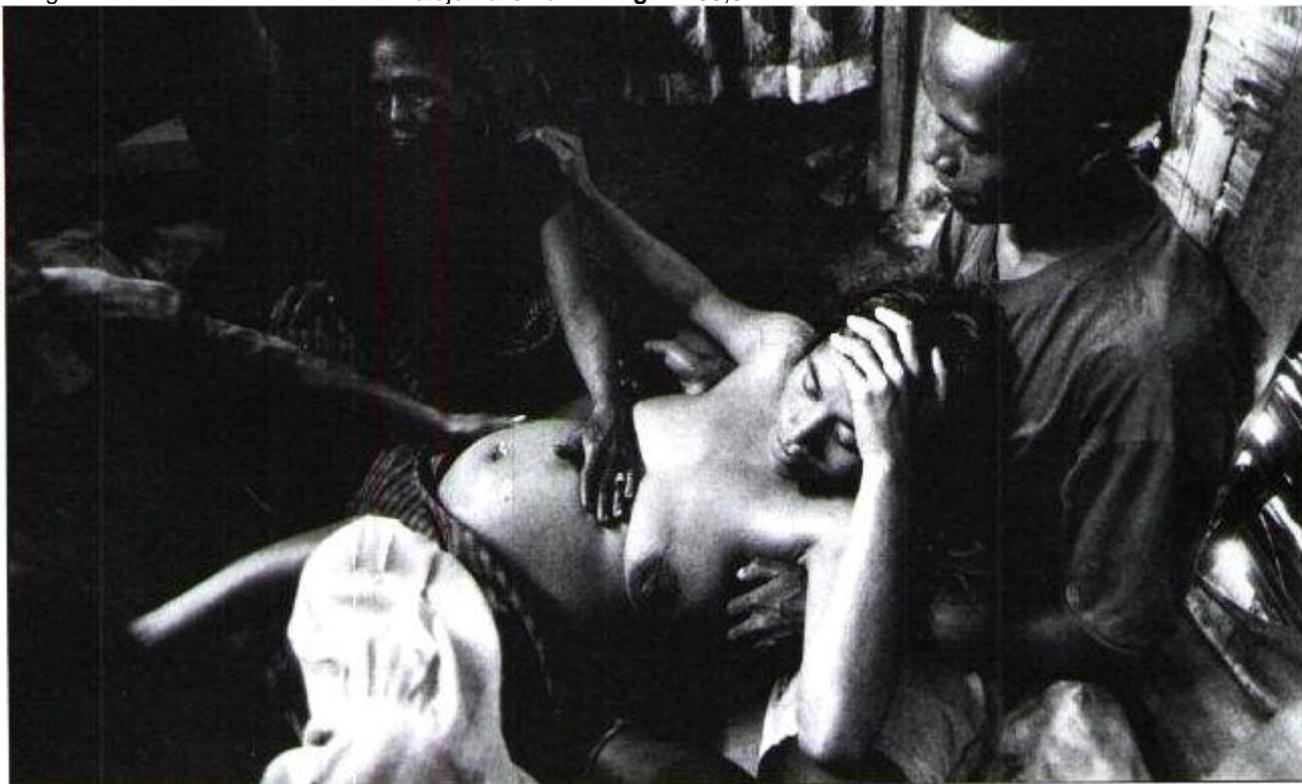
pronunciado em qualquer idioma.

Das oito fotógrafas, duas, por motivos pessoais, não estão mais no projeto. Além de Marizilda, Newsha e Bénédicte, vieram a Agnes Dherbeys, da Tailândia, agência *Cosmos*; Justyna Mielnikiewicz, da Geórgia, *World Picture News*; e Lourdes Segade, da Espanha, da *Picturetamk*.

A partir do e-mail, começaram a conversar abordando desde como fariam a parte financeira, se teriam uma estrutura legal ou não, até as discussões de qual seria a melhor ferramenta de comunicação e se montariam um site.

Legalizar uma empresa com seis sócios em diferentes países seria muito complicado. Decidiram montar um grupo sem estrutura legal. Em relação às despesas, criaram uma caixinha. Cada uma entrou com US\$ 500 e abriram uma conta na Espanha.

Quanto à ferramenta de comunicação, optaram pelo programa Skype ([www.skype.com](http://www.skype.com)). ▀



A grávida Elis durante trabalho de parto: a francesa Agnes Dherbeys faz ensaio sobre a alta mortalidade materno-infantil no Timor Leste

Por meio dele, o usuário pode conversar com pessoas de todo o mundo em tempo real, individualmente, em grupo, pela opção de texto, voz ou por câmera de vídeo. É fácil baixar o programa pela internet: basta criar uma conta e senha. E sem pagar nada.

A EVE utiliza o Skype para as suas reuniões. Nunca conseguiram se encontrar todas *online* por uma questão de fuso horário. Se Marizilda deseja falar com Agnes, na Tailândia, leva em conta as 10h a mais em relação à Brasília.

Em relação à homepage ([www.digitalrailroad.net/eve](http://www.digitalrailroad.net/eve)), elas decidiram hospedá-la no portal *Digital Railroad*, que une mais de 550 fotógrafos, 30 agências, 48 países e 17.000 compradores.

Funciona assim: o fotógrafo ou agência compra seu "terrinho" no portal e, em troca, utiliza a infra-estrutura e a divulgação. A cada novo cliente, como o caso da EVE, uma matéria é publicada apresentando-o aos compradores. "Fica muito mais barato porque a infra-estrutura é de banco de imagem", diz Manzilda.

## SEM FRONTEIRAS

A era digital e da comunicação *online* não interferiram apenas na técnica fotográfica. Alteraram também o mercado de trabalho. Parcerias como a da EVE são experiências novas de intercâmbios profissionais feitas a partir do computador de casa. No que vai dar, nem elas sabem. "O que seremos, a gente não tem idéia. O

objetivo é que cada uma possa fotografar com independência", explica Marizilda Cruppe.

Uma coisa é certa. Juntas unificaram seis frentes de trabalho e há mais chances de publicarem. Todas buscam apresentar o grupo para os editores de seus países. Caso uma revista deseje publicar apenas o ensaio de uma, tudo bem. Um percentual da venda vai para a conta conjunta para manter um capital de giro.

Pode ocorrer do editor resolver enviar um jornalista para apurar a matéria, mas dificilmente uma empresa vai ter verba, tempo e fonte de mandá-lo para seis países. Nesse caso, a EVE faz a diferença e já é reconhecida.

A Reunião Internacional de Fotojornalistas em Gijón ([www.fotoperiodismogijon.com](http://www.fotoperiodismogijon.com)), na Espanha, convidou o grupo para participar de evento previsto para julho de 2006. Além de palestras para os estudantes e participantes, finalmente todas elas iriam se conhecer cara a cara.



Página de abertura do site das fotografias do EVE